

Ausentes são estrelas de um debate fraco

OMÉZIO PONTES

Mais do que a ausência de alguns dos principais candidatos, faltaram, na realidade, propostas concretas dos participantes do debate de terça-feira à noite na TV Bandeirantes. O já esperado não comparecimento do ex-governador Joaquim Roriz foi explicado — de forma indireta — pelos organizadores do debate, que lembraram só ter convidado candidatos com registro definitivo junto ao Tribunal Regional Eleitoral. Outro ex-governador, Elmo Serejo, candidato do Movimento Liberal Progressista e com registro definitivo do TRE achou por bem também não comparecer.

Se a falta desses dois já esvaçou o debate, o atraso do senador Maurício Corrêa, candidato da Frente Popular serviu ainda mais para os três presentes — Carlos Magno (PMN), Carlos Saraiva (PT) e Adolfo Lopes (PT do B) — atacarem os ausentes. Dos três atacados, o único que se defendeu foi Corrêa, que entrou no quarto bloco do debate, num total de seis. O senador justificou seu atraso lembrando que estava no Congresso Nacional votando a derrubada do veto presidencial à política salarial, o que acabou não acontecendo naquela noite.

Apesar de a primeira pergunta — formulada pela emissora e dirigida a todos os debatedores — ir bem naquela que parecia ser a “ferida” a ser atacada por todos, o que se notou foi uma debandada para outro extremo. A questão, apresentada pelo jornalista e mediador do debate Luiz Gutemberg, pedia aos candidatos para explicarem a falta de motivação do eleitorado e se isso tinha relação com a indefinição da candidatura de Joaquim Roriz.

O primeiro a responder — de acordo com o sorteio — foi Adolfo Lopes. Ele preferiu deixar Roriz de lado, dizendo que “na hora ‘h’ o eleitor se definirá por aquele que tiver melhores propostas”. A tática de Adolfo de não atacar Roriz pôde

ser entendida na última parte do debate, quando o candidato do PT do B não se furtou em dizer que tem muita coisa em comum com Roriz, e por isso, aceitaria seu apoio, caso o ex-governador e ex-ministro da Agricultura não conseguisse uma vitória na Justiça para disputar o Palácio do Buriti este ano.

A guinada de 180 graus à pergunta foi sentida na resposta do candidato seguinte, Carlos Magno. Ele preferiu deixar de lado a questão da desmotivação do eleitorado para fazer graves denúncias contra Elmo Serejo, candidato ao GDF pelo Movimento Liberal Progressista. “Quando foi governador, em 1975, o Elmo Serejo matou o funcionário público Roberto Simões”, acusou Carlos Magno.

Sobre Roriz, o candidato do PMN limitou-se a dizer que “ele está fazendo suspense, pois sabe que não vai concorrer e seus votos virão quase todos para mim”, disse sem qualquer modéstia Carlos Magno. Para encerrar esta fase do debate, Carlos Saraiva, do PT, foi mais enfático, dizendo que “Brasília vive a ressaca eleitoral de 1989, quando o candidato mais votado aqui acabou perdendo”. Sem citar nomes, Saraiva estava se referindo a Luís Inácio Lula da Silva e para completar seu raciocínio comparou que “se vencemos no primeiro e no segundo turno, vamos vencer agora no terceiro”.

O debate se arrastou com acusações a Elmo Serejo — principalmente — Roriz e até Maurício Corrêa, até que com uma hora de atraso, este último entrou no estúdio já às 23h32. Foi nesse bloco também que as duas jornalistas convidadas — uma de jornal e outra de rádio — começaram a fazer perguntas aos candidatos. Só então surgiram algumas propostas, mas todas muito genéricas e quase nunca saindo das velhas retóricas de que “temos de melhorar a educação, a saúde, a segurança de nosso povo”. Como resolver isso, nenhum deles conseguiu detalhar no debate de duas horas.

JÚNIOR BARON



Propostas genéricas e acusações deram o tom do debate morno, que terminou na madrugada de ontem